

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

UMA CIDADE PENSADA: UM ESTUDO SOBRE AS REPRESENTAÇÕES DO RECIFE NA OBRA DE JOSUÉ DE CASTRO (1932-1967)

Helder Remigio de Amorim

Universidade Católica de Pernambuco

helder.remigio@unicap.br

Este artigo resultado da comunicação apresentada no 31º Simpósio Nacional de História propõe discutir as narrativas produzidas por Josué de Castro sobre a cidade do Recife, procurando compreender quais foram as problemáticas, as cartografias e representações do Recife em sua obra. O recorte cronológico proposto possibilitou analisar a produção de Josué de Castro desde a publicação do conto Ciclo do Caranguejo (1932), até o romance Homens e Caranguejos (1967). Nesse sentido, a produção intelectual e a trajetória do autor foram estudadas concomitantemente, possibilitando analisar o pensamento, as reflexões e as problematizações de Josué de Castro em torno da questão da cidade. É importante destacar que este artigo reúne informações dos últimos quatro anos de um projeto de pesquisa maior que procurou estudar as representações produzidas por Josué de Castro sobre a cidade do Recife.

Josué Apolônio de Castro nasceu em 5 de setembro de 1908 no Recife, faleceu em 1973 em Paris, durante o período em que esteve exilado após o golpe civil-militar de 1964. A sua produção intelectual esteve aliada aos cargos públicos que ocupou como médico, professor universitário, geógrafo, deputado federal, embaixador e presidente do Centro Internacional de Desenvolvimento (CID). Em relação à dimensão política e social do seu pensamento, desenvolveu ações para desnaturalizar a fome como atributo dos pobres e resultado das condições climáticas e de solo. A sua obra, traduzida em 25 idiomas ganhou repercussão internacional, principalmente quando publicou Geografia da Fome (1946) e Geopolítica da Fome (1951), livros que circularam com destaque em tempos de Guerra Fria tanto nos Estados Unidos da América como na União Soviética.

Apesar dos estudos de Josué de Castro terem se voltado para compreensão do fenômeno da fome no mundo, a preocupação com a cidade do Recife esteve presente em sua obra. As narrativas sobre o cotidiano das camadas populares, os costumes, a

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

geografia, a espacialidade, as desigualdades sociais e principalmente os modos de viver e sentir a cidade se apresentam em vários dos seus escritos. Nos ensaios do livro *Documentário do Nordeste* (1937), Josué de Castro demonstra consciência sobre as desigualdades sociais, destacando o contraste entre as antigas residências palacianas e os mocambos da cidade. Em 1948 publica *Fatores de Localização da cidade do Recife* onde narra o processo de invasão holandesa nos primeiros tempos do Recife. Já em seu único romance intitulado *Homens e Caranguejos* publicado em 1967, constrói o percurso de uma família de retirantes que migra do sertão de Pernambuco para viver nos manguezais do Recife em uma comunidade chamada Aldeia Teimosa. Essas obras produzem representações sobre o Recife díspares da abordagem freyreana e que foram pouco estudadas pela historiografia. Desse modo, apresentaremos as novas possibilidades de interpretação das narrativas produzidas sobre o Recife a partir dos escritos de Josué de Castro.

O Recife na obra de Josué de Castro nos anos 1930

O Recife representado por Josué de Castro partiu de uma linha interpretativa inclinada a relacionar as desigualdades sociais que vigoravam entre os indivíduos e as marcantes diferenças existentes nas formas de apropriação da riqueza social (ARRAIS, 2004, p. 48). Como o próprio Josué de Castro afirma em seu ensaio de geografia urbana sobre o Recife: “A cidade é sempre um produto das possibilidades geográficas e da capacidade de utilização das mesmas pelo grupo humano local e nela refletem sempre as influências do meio natural e as influências do grupo cultural.” (CASTRO, 1954, p. 26). Desse modo, durante a década de 1930, a produção de Josué de Castro relacionada com a cidade teve início a partir da publicação do conto *Ciclo do Caranguejo* (1932), bem como obra *Documentário do Nordeste* (1937) o pensamento do autor em relação a cidade do Recife. A análise dos textos, possibilitaram analisar como o autor constrói uma cidade por meio das palavras. Cidade que deve ser representada não somente por meio dos seus projetos arquitetônicos e topográficos, mas também como compreensão das pulsões humanas que a transpassam.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A obra *Documentário do Nordeste* teve sua primeira edição publicada em 1937, pela Editora José Olympio do Rio de Janeiro. É importante informar que o início da produção textual que resultou na publicação da obra se deu cinco anos antes, a partir da realização do estudo *As condições de vida da classe operária do Recife: um estudo econômico da sua alimentação* (1932). O inquérito, solicitado no âmbito do Departamento de Saúde Pública de Pernambuco, foi encerrado sob a tese anti-eugenista: “*Não é mal de raça, é mal de fome*”. (CASTRO, 1932, p. 67), onde Castro afirmava que os trabalhadores e as trabalhadoras da cidade do Recife apresentavam desenvolvimento laboral incompleto não por uma questão de raça, mas sim porque possuíam alimentação insuficiente e desarmoniosa nutricionalmente (CASTRO, 1932, p. 67). Tal prerrogativa combatia vigorosamente as teorias eugenistas que inculpavam a mestiçagem brasileira de originar seres débeis, anêmicos e raquíticos. A publicação do inquérito obteve grande repercussão nacional e foi uma das bases fundadoras do salário-mínimo no Brasil. Desse modo, *Documentário do Nordeste* foi considerada pelo próprio autor como uma obra de “índole vária” (CASTRO, 1937), traz pesquisas de épocas distintas da trajetória intelectual de Josué de Castro, além de reforçar seu compromisso de continuar falando do Nordeste mesmo estando afastado da região: “Nunca nos desinteressamos pela vida da região e nunca nos libertamos das influências que a terra exerceu sobre nosso espírito no seu período de formação” (CASTRO, 1937, p. 12).

No que concerne especificamente a estrutura da obra, podemos perceber que divisão em três partes foi pensada tematicamente e temporalmente. Na primeira parte considerada ficcional e intitulada “A Paisagem Viva do Nordeste”. O autor por meio de oito contos literários (A Cidade; O Despertar dos Mocambos; O Ciclo do Caranguejo; João Paulo; Ilha do Leite; Assistência Social; Solidariedade Humana e A Sêca) discute temas relacionados com o Nordeste. Desse modo, são contadas histórias de agricultores, operários e moradores dos mangues no Recife. Castro faz com que enredos particulares deem unidade às relações sociais e lembra que o mundo pobre e o mundo rico são partes de uma unidade urbana de vida que pulsa nos mangues da cidade (MENEZES, 2012, p. 153).

A segunda parte intitulada de “Estudos Sociais”, apresenta temáticas relacionadas ao racismo, a seca, a exploração e a urbanização. Nesse momento, Josué de Castro lançou

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

seu olhar sociológico onde demonstra a realidade social do Nordeste. Ao analisar o capítulo intitulado “O Nordeste e o Romance Brasileiro”, pude destacar a forma como Castro exalta a literatura regionalista e a alça ao patamar de “literatura genuinamente brasileira”, *uma vez que esta região é a que carrega em si o maior sentido de tragédia*. Nesse sentido, romancistas como Jorge Amado, Rachel de Queiroz, Aluísio de Azevedo e Graciliano Ramos são os responsáveis por, segundo o autor, “revelar o Nordeste” até para os nordestinos. De acordo com Zaidan Filho (2003, p. 84), a origem do pensamento de Josué de Castro se dá no interior da geração regionalista do Nordeste.

Ainda na segunda parte do livro Josué de Castro faz constatações de que o latifúndio é o verdadeiro gerador da fome no sertão nordestino e não a falta de chuva, fazendo com que a seca seja um problema de política pública e não apenas climático. Por fim, através do estudo “Influência Negra na Alimentação do Brasileiro”, Josué de Castro chama atenção para a necessidade de se pesquisar a origem dos hábitos alimentares do povo, principalmente os das classes mais humildes, pois sem tal conhecimento é impossível se falar de política nacional de alimentação e reforça a superioridade biológica dos hábitos alimentares africanos mediante aos europeus e indígenas. (MENEZES, 2012, p. 158).

Na terceira parte do livro, a partir de uma investigação minuciosa, Josué de Castro entrega ao leitor uma a descrição antropológica dos alimentos “bárbaros”, que exemplificam os aspectos da alimentação do sertão. Raízes, sementes e frutos estranhos de aparência exótica tornam-se uma possibilidade de provisão durante os períodos de seca (CASTRO, 1957, p. 162). Castro ainda foi o responsável pela organização dos primeiros estudos sobre o valor nutricional da alimentação dos caatingueiros nordestinos. Por meio de fragmentos dos sertões de Pernambuco e da Paraíba, o estudo também destacou bibliograficamente os autores anteriores a Castro que haviam pontuado em suas obras a alimentação desta região. Durante a análise foi notada uma grande rede de intelectuais com os quais o autor dialogava. Estudiosos como de Euclides da Cunha, Luís Gurgel, Rodolfo Teófilo, José Américo de Almeida, Melo Moraes, Nelson Werneck Sodré, Câmara Cascudo, Tales de Azevedo e Orlando Parahym são citados não apenas como referenciais teóricas, mas também como sujeitos de confiança e admiração.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Entre a geografia e a História: a cidade pensada na década de 1940

Uma cidade é construída por meio de palavras. As palavras que nomeiam as ruas, os prédios, as igrejas, as praças e os seus habitantes são as mesmas que são articuladas por intelectuais para constituir a história daquela localidade. Por meio delas se pode representar os fatos e os acontecimentos que possibilitam produzir identidades e imagens sobre a formação daquele lugar. Josué de Castro em 1948 se amparou nessas mesmas palavras para representar o Recife na sua tese para a cátedra de Geografia Humana da então Universidade do Brasil, atualmente Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Não foi, pois, casual a escolha da cidade do Recife para exemplo de localização de uma cidade em terras tropicais. Pesou, decerto, na escolha, o sentimento do filho da terra, desterrado pelos acasos da vida, mas sempre amoroso de sua paisagem e sempre vivendo intelectualmente as experiências nela adquiridas. (CASTRO, 2013, p. 17 - 18)

A representação da cidade Maurícia e a mobilização desse discurso constituem o centro dessa pesquisa. No momento que irá escrever *Fatores de Localização*, Josué de Castro estará majoritariamente imerso no mundo acadêmico, pois tendo trilhado os primeiros passos da docência se aproximaria de áreas como a da Geografia, para auxiliar seu processo de produção e solidificar sua tese, na medida em que posteriormente irá utilizá-la como plataforma para divulgação internacional de outros de seus trabalhos, como sua obra mais conhecida, *Geografia da Fome* (1946), que o marcará como um intelectual ativista do combate à fome.

Ao longo de sua tese Castro, se utilizará da geografia e da história de maneiras intrinsecamente correlacionadas. Ao falar dos aspectos geográficos do Recife elenca uma série constante de relatos e percepções dos holandeses sobre aquelas terras recém-conquistadas. As motivações do abandono e incêndio de Olinda, as decisões sobre a localização do Recife, as similaridades dos manguezais com os baixios neerlandeses e o plano urbanístico implementado por Nassau, são alguns dos exemplos que graças a esse diálogo permitem um panorama da localização histórica do Recife em seus primórdios.

Uma fonte de extrema relevância na pesquisa foram os mapas e documentos da época pesquisada, utilizados por Josué no seu livro. Tais mapas só foram possíveis de serem utilizados como cópias fotostáticas, graças a mobilização de diversas redes de

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

intelectuais, seja no Recife ou em Portugal e na Holanda. Em Pernambuco, alguns dos colaboradores foram: Olimpio Costa Filho, da Biblioteca do Estado, José Maria de Albuquerque Melo, Diretor do Museu do Estado, Mário Melo, Secretário do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano e Mario Sette, elogiado (pelo próprio autor) escritor pernambucano. Já no exterior, figuram nomes como: o jornalista português, Nuno Simões, o então Catedrático de Geografia Humana (posto a qual Josué estava concorrendo no Brasil) da Universidade de Amsterdã, H. N. Ter Veen e o Cônsul Geral do Brasil em Amsterdã, Alencastro Guimarães. Castro também agradece aos dirigentes do Centro de Estudos Geográficos de Lisboa, ao Prof. Max Sorre, chefe da escola francesa de Ecologia e a Srta. Emmanuel, bibliotecária do Instituto de Geografia da França.

Quanto ao que concerne a observação e análise dos mapas, temos aspectos interessantes a serem ressaltados. Tomemos como exemplo a figura 8 do livro, que apresenta um plano da Cidade Maurícia – *Mauritzstaadt*, retirada da obra do polímata holandês Gaspar Barlaeus – *Rerum per Octoennium in Brasilia*. Nessa reprodução nos deparamos com diversos aspectos geográficos que denotam a típica organização urbana neerlandesa colonial. Salvaguardada naturalmente pelos arrecifes, se dispunha pela costa uma muralha com intuito de proteger o núcleo urbano de assaltos pelo mar, (um fração das bases dessa muralha ainda pode ser vista no bairro do Recife na Rua Barão Rodrigues Mendes) ligando o núcleo principal a então Ilha de Santo Antônio (Mavritiopolis) a ponte Mauricio de Nassau aponta para um núcleo crescente de casarões, armazéns e cortiços, entrecortados por canais projetados e assentados sobre aterros que se debruçavam sobre as bacias dos rios Capibaribe e Beberibe. Nas extremidades norte e sul do mapa, ainda podemos ver duas estratégicas fortificações militares, o forte do Brum e o forte das Cinco Pontas. Josué de Castro também destaca que o planejamento que fundamentou o Recife, adveio de uma profunda similaridade com o território holandês já que ambas as regiões possuíam Áreas de delta, Barragens naturais, Baixios alagadiços e Dédalos fluviais.

Através da *Hemeroteca Digital* podemos observar uma gama de periódicos que narram esses acontecimentos, dentre eles podemos citar: *O Globo*, *O Diário de Notícias*, *O Mundo* e o *Jornal do Brasil*. Ambos foram pesquisados no ano de 1948 e situados no Rio de Janeiro, na época Distrito Federal, que abrigava a Universidade do Brasil, atual UFRJ. No processo de pesquisa a maioria das ocorrências de "Josué de Castro" ou

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

"Geografia Humana", eram anúncios do livro *Geografia da Fome* publicado em 1946 ou confirmações da presença de Castro em palestras e cursos de férias. Já quando pesquisado "*Fatores de Localização da Cidade do Recife*" nos deparamos com algumas matérias que são mais inerentes a essa pesquisa, retratando o concurso e a posse. O *Jornal do Brasil*, por exemplo, noticiará o seguinte sobre a posse:

Novo Catedrático da Universidade do Brasil

Na Faculdade Nacional de Filosofia realizou-se, ontem, à tarde, a cerimônia de posse do Prof. Josué de Castro, nomeado novo catedrático de Geografia Humana daquele Estabelecimento universitário. O ato, que se revestiu de solenidade, teve a presença do Prof. Azeredo Amaral, Reitor da Universidade do Brasil, grande número de amigos, colegas e alunos do Professor recém empossado, notadamente os que naquela casa de ensino estão fazendo o Curso de Jornalismo. Em nome da congregação da Faculdade de Filosofia saudou o novo catedrático, o Prof. Artur Ramos e em nome do corpo discente o Grêmio José do Patrocínio, discursou o aluno José Ribamar Machado. Finalizando, usou da palavra, em agradecimento o Prof. Josué de Castro. (*Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, p. 7, 16 jun. 1948).

É importante destacar que ao longo do projeto de pesquisa encontramos ainda excertos de outros periódicos da época, presentes no acervo pessoal Josué de Castro, salvaguardado pela Fundação Joaquim Nabuco, que nos permitem vislumbrar alguns aspectos do panorama referente a recepção da obra de Castro pela crítica. O acadêmico Hélio Vianna, irá escrever para a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* que a obra de Josué é uma "sólida documentação bibliográfica e brilhante argumentação" (VIANA, Revista do IHGB, vol.194, Rio de Janeiro, Março-Abril de 1947, pasta 11). Além de ressaltar que como a obra mescla a história regional e local com o plano de trabalho situado no campo da geografia, ela também é interessante aos historiadores. Em um tom também apreciativo, podemos ver o artigo de Otto Prazeres, intitulado *A fundação da querida Recife*, escrito para o *Jornal do Brasil* na edição de 6 de abril de 1948. No artigo Otto afirma que já tendo "alimentado o corpo e ilustrado o espírito" em obras anteriores, Castro "falava no coração" em *Fatores de Localização da Cidade do Recife* retratando com maestria o processo de formação da cidade. Já Nunes Pereira irá escrever um artigo de tom mais analítico para a *Folha do Norte*. Nessa produção, afirma que a dissertação de Castro "não constitui um estudo monográfico" e se destaca pela sua

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

“clareza e eloquência da expressão, postos a serviço dessa complexidade de conhecimentos” (A Cidade do Recife ou um Ensaio de Geografia Urbana. *Folha do Norte*, edição de 1 de julho de 1948, pasta 11) e também comenta acerca da abordagem geográfica da obra.

Assim como as diversas pontes que conectam a cidade do Recife, Castro procurou estabelecer pontes que o permitissem angariar materiais para a construção da grande empreitada que era a sua tese. A primeira ponte está localizada no Recife, sua terra natal, possibilitando o acesso aos arquivos públicos da capital, por meio do contato direto com os diretores destes; bem como, a um círculo de intelectuais que compostos por escritores como: Sílvio Rabelo, Estêvão Pinto e Mario Sette, conferiram a partir da troca de perspectivas com o autor, a poeticidade do texto.

A segunda ponte, está localizada na Europa, pois lá Josué de Castro empreendeu um périplo por algumas das principais capitais europeias. Em Lisboa, consultou alguns arquivos patrimoniais. Em Amsterdã, procurou mais fontes cartográficas e recebeu orientações do catedrático em Geografia Humana, H. N. Ter Veen. E em Paris, recebeu sugestões acerca de Geografia Urbana e uma vasta lista de indicações bibliográficas de um dos mais importantes geógrafos do momento, Maximilien Sorre, na época, chefe da Escola Francesa de Ecologia.

Por fim, a terceira ponte se localiza no então Distrito Federal localizado no Rio de Janeiro, onde concorrendo a cátedra, Josué contaria com alguns entusiastas que validaram publicamente e academicamente sua obra. Hélio Vianna, por exemplo, sendo membro do IHGB escreve uma resenha na revista do instituto que valida o peso geográfico presente na obra, impulsionando o texto de Josué ao conhecimento da comunidade acadêmica e também a repercussão positiva na imprensa da época.

Homens e Caranguejos: o Recife em um romance

Na análise do romance “Homens e Caranguejos” houve o enfoque na relação entre a narrativa e a política, bem como na circulação internacional da obra. O único romance escrito por Josué de Castro, em 1966, na França, onde estava exilado devido a ditadura civil-militar de 1964, figurando seu nome na lista dos primeiros a ter os direitos

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

suspensos. Desse modo, entendemos o romance como uma “escrita de si”, onde Josué rememora experiências e vivências de sua infância, tendo o tema central o drama da fome. Como afirmou em um excerto da obra: “O tema dêste livro é a história da descoberta que da fome fiz nos meus primeiros anos de infância, nos alagados da cidade do Recife, onde convivi com os afogados dêste mar de miséria” (CASTRO, 1967, p. 12). O conjunto documental de fontes, em maioria recortes de periódicos internacionais, juntamente com o aporte teórico-metodológico foi fundamental no entendimento do contexto histórico no qual Josué de Castro está inserido, os debates, as redes de sociabilidade, que o ajudaram na construção do romance, que não obstante, reúne suas críticas às elites, aos problemas habitacionais da cidade, às desigualdades e às estruturas que corroboram com o maior mal da humanidade: a fome.

Josué de Castro sempre demonstrou interesse pela literatura. Na década de 1930, como afirmamos anteriormente escreveu alguns contos como “O ciclo do caranguejo”, poemas e ensaios que foram publicados em jornais brasileiros. Interessante analisar que sua produção científica não se separou do seu gosto literário, quando notamos sua dedicatória aos “romancistas da fome” José Américo e Rachel de Queiroz em seu *Geografia da Fome* (1946). Em seu único romance, no final do seu “prefácio um tanto gordo”, agradece a “inestimável contribuição que representou na elaboração deste livro, a leitura das obras de três grandes poetas do Nordeste: Ascenso Ferreira, Joaquim Cardoso e Cabral de Melo Neto” (CASTRO, 1967, p. 25). Dos citados, é notada uma grande influência do também recifense e diplomata João Cabral de Melo Neto, principalmente de seus dois poemas *O rio* (1953) e *Morte e vida severina* (1954-1955).

Diferente da circulação tímida no âmbito nacional, internacionalmente *Homens e Caranguejos* teve uma ampla circulação, calorosa e positiva, dada a dimensão e reputação de Josué de Castro, sempre presente nos debates internacionais. A obra teve cerca de onze traduções, recebeu artigos elogiosos dos críticos em jornais e revistas francesas, portuguesas, norte-americanas, belgas, espanholas, suíças etc., como a *Revista Seara Nova* (criada por Raul Proença e um grupo de intelectuais portugueses, em 1921, publicada trimestralmente), *Gazette de Lausanne* (jornal suíço, fundado em 1798 por Gabriel-Antoine Miéville, tinha publicação diária e em língua francesa) e o *Témoignage Chretien* (jornal semanal francês, de inspiração cristã, fundado em 1941, tendo como um

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

dos seus fundadores o padre jesuíta Pierre Chaillet), presentes no seguinte recorte de jornal:

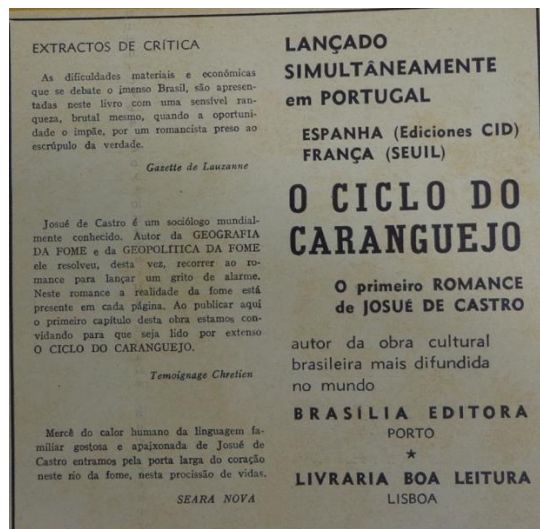


Imagem 1: Recorte de jornal português desconhecido. Apresenta o lançamento simultâneo do romance e algumas críticas. Acervo Pessoal Josué de Castro, FUNDAJ, 25 – Pasta 32, sem data, possivelmente, outubro de 1966.

O recorte indica a dimensão da obra de Josué de Castro, apontado como o “autor da obra cultural brasileira mais difundida no mundo”, assim como o lançamento simultâneo do romance em outubro de 1966 na França, Portugal e Espanha, demonstrando o caráter internacional atribuído a figura e obra de Josué de Castro. As críticas selecionadas pelo jornal nos mostram o debate proposto por ele no seu romance, onde denuncia a fome e produz uma narrativa que prima pela construção de novos significados. Dada sua repercussão, houve uma adaptação do romance para peça teatral, pelo dramaturgo francês Gabriel Cousin – que contou com a ajuda de Josué –, intitulado *Le Cycle du Crabe*, sendo o *roman-théâtre* publicado em maio de 1969 pela editora Gallimard. Uma versão mais curta da peça, feita pelo mesmo autor, *Les Descent sur Recife* esteve na programação de *Auteurs Nouveaux* e pôde ser assistido no *Comédie Française* em março de 1971, às 20:45. Buscando finalizar a circulação internacional da obra, como proposto, produzimos um quadro reunindo as edições internacionais do romance, demonstrando sua amplitude.

Edição	Editora	Título	Ano
Francesa	Éditions du Seuil	Des hommes et des Crabes	1966

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Portuguesa	Brasília Editora	O Ciclo do Caranguejo	1966
Espanhola	Ediciones CID	Un niño entre hombres y cangrejos	1966
Húngara	Kossuth Konyvkiadó	Emberek és rákok	1968
Polonesa	Ksiazka i Wiedza	Ludzie i kraby	1968
Alemã	Verlag Neues Leben Berlin	Der Krebskreis	1970
Norte-americana	The Vanguard Press	Of men and crabs	1970
Canadense	Copp Clark Publishing Company	Of men and crabs	1970
Dinamarquesa	Forgalet Rode Hane	Maend og Kraber	1972
Italiana	Società Editrice Internazionale	Uomini e granchi	1974

Tabela 1: Edições internacionais do romance Homens e Caranguejos.

São muitas as representações criadas por Josué de Castro no romance. Em seu esforço de recriação do ambiente citadino dos alagados do Recife, a partir de suas memórias de infância, das suas vivências, Josué busca reencontrar-se com sua terra por meio de sua obra, de suas denúncias, de sua narrativa, já que se encontrava impedido de ir fisicamente. O romance conta a história do menino João Paulo – ou do menino Josué: “Mas, será mesmo este livro um romance? [...] Talvez, sob certos aspectos, uma autobiografia?” (CASTRO, 1967, p. 12) – e de sua família, moradores dos mangues da Aldeia Teimosa, nos alagados do Recife, que chegam para engrossar a lama e compor o ciclo do caranguejo, após fugir de uma devastadora seca no sertão, no ano de 1877. A fome, no romance, é mostrada como força motriz dos homens anfíbios, que estão sempre buscando saciar a sensação mortificadora da fome; retirantes das terras avermelhadas das secas do sertão e dos latifúndios canavieiros dos brejos, almejando encontrar nos mangues melhores condições de sobrevivência, em sua terra de promessa. Desta forma, desaguam no Recife, juntos com os rios, os retirantes para compor o ciclo do caranguejo, da fome, da miséria.

Josué de Castro demonstra através dos seus escritos as diversas relações sociais, as resistências, as explorações que compõe o cotidiano do mar de pobres que habitam os

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

mangues do Recife. Josué faz fortes críticas às estruturas agrárias e capitalistas exploratórias vigentes, às práticas patrimonialistas dos políticos que nada fazem de efetivo para sanar os problemas habitacionais dos mocambos. Desse modo, a fome é vista como uma decisão política, como um problema social fruto da exploração do homem pelo próprio homem, mantida pelas estruturas constituídas. Apesar da narrativa do romance estar ambientada na década de 1930 e Josué buscar inspiração nos contos escritos na mesma década – reunidos no livro *Documentário do Nordeste* –, há uma reescrita com base no momento presente da produção da obra, meados da década de 1960, quando estava exilado. Dessa forma, as narrativas construídas no romance abrigam os argumentos elaborados por Castro ao longo de sua trajetória intelectual, dos debates em que está envolvido – acerca da fome e do subdesenvolvimento, principalmente – e no contexto em que está inserido, bem como demonstra sua insatisfação com o regime ditatorial vigente no Brasil que o exilou.

Referências Bibliográficas

- AMORIM, Helder Remigio de. *Um pedaço incomensurável: a trajetória intelectual e política de Josué de Castro*. Tese (Doutorado em História) Recife: UFPE, 2016.
- ARRAIS, Raimundo. *O Pântano e o Riacho: a formação do espaço público no Recife do século XIX*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2004.
- BARROS, José D'Assunção. *Cidade e História*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- BOURDIEU, PIERRE. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes Ferreira. *Usos e Abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- CALVINO, Ítalo. *As Cidades Invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- CASTRO, Josué de. *Homens e Caranguejos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- CASTRO, Josué de. *Documentário do Nordeste*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora Brasiliense, 1968.
- CASTRO, Josué. *Um ensaio de Geografia Urbana. A cidade do Recife*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2013.
- CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Florense Universitária, 2002.
- CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun/ Roger Chartier*. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

- CRUZ, Denise Rollemberg. *Exílio: entre raízes e radares*. Rio de Janeiro. Record, 1999.
- DOSSE, François. *O Desafio Biográfico. Escrever uma vida*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.
- FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- FREITAG, Bárbara. *Teorias da Cidade*. Campinas-SP: Papyrus, 2006.
- GOMES, Ângela de Castro (org). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- GOMINHO, Zélia de Oliveira. *Veneza Americana X Mucambópolis: o Estado Novo na Cidade do Recife: (décadas de 30 e 40)*. Recife: CEPE, 1998.
- GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. *Cidades da Mineração: Memória e Práticas Culturais*. Cuiabá: EDUFMT, 2006.
- HALLEWELL, L. *O Livro no Brasil: Sua História*. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2012.
- LUCA, Tania Regina de. História, dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.) *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005
- MELO NETO, João Cabral de. *Morte e vida Severina*. 1. ed. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2007.
- MUNFORD, Lewis. *A Cidade na História: Suas origens, transformações e perspectivas*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. STARLING, Heloisa Murgel. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- SIRINELLI, Jean-François. *Os intelectuais*. In: RÉMOND, René. (Org.) *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2003.